

População Economicamente Ativa E Chefes Familiares Imigrantes No Oeste Do PR – Impactos No Desenvolvimento Regional - Uma Análise Por Setores Da Economia¹

Economically Active Population and Family Heads Immigrants in West of Paraná State - Impacts on Regional Development - An Analysis by Sectors of Economy

Ricardo Rippel²

Valderice Cecília Limberger Rippel³

Márcia Terezinha Michelin⁴

Resumo: O objetivo do artigo é o de examinar o cenário da imigração e do desenvolvimento do Oeste do Paraná via reconcentração fundiária e qualificação educacional de 1950 até 2000. No trabalho analisa-se o perfil dos chefes de família imigrantes da área argumentando-se que inicialmente eram detentores de um perfil de baixa qualificação educacional. Porém com a modernização do campo, a urbanização e o fortalecimento dos setores secundário e terciário ocorreu na área um movimento de reconcentração fundiária e o oeste parananense passou a demandar mão-de-obra com nível educacional mais elevado. Houve assim uma ascensão na qualificação dos imigrantes, fundamentalmente fruto da redução das oportunidades de inserção ocasionada pelo esgotamento da ocupação extensiva da região. De modo que, como os indivíduos migram quando e para onde vislumbram melhores oportunidades, e dado que as exigências de qualificação no Oeste do Paraná, se elevaram, os imigrantes pouco qualificados reduziram sua participação no processo de inserção na área aumentando proporcionalmente a participação dos chefes de família mais instruídos no total dos movimentos fato que influenciou diretamente no desenvolvimento regional.

Palavras Chave: Desenvolvimento; Migração; Educação e concentração fundiária.

Abstract: The aim of this paper is to examine the scenario of migration and development of western regions from Paraná State; through land re-concentration and educational qualifications from 1950 to 2000. At work we analyze the profile of immigrant-headed households in the area arguing that initially were holding a low profile educational qualification. But with the modernization of the countryside, urbanization and the strengthening of secondary and tertiary sectors was a movement in the area of land re-concentration and west parananense has required manpower with higher education level. There was thus a rise in the qualification of immigrants, primarily the result of reducing the opportunities for integration caused by extensive depletion of the occupation of the region. So, as individuals migrate when and where you envision better opportunities, and given that the qualification requirements in western regions, rose, low-skilled immigrants have reduced their participation in the integration process in the area by proportionally increasing the participation of the Heads more educated family in total movements directly influenced the fact that regional development.

Key-Words: Development; Migration; Education and concentration fundiária.

¹ Artigo recebido em novembro de 2011 e aprovado em fevereiro de 2012.

Artigo apresentado no VII Encontro Nacional Sobre Migrações de Tema Central: Migrações, Políticas Públicas e Desigualdades Regionais, realização de 10 a 12 de Outubro de 2011, Curitiba/PR.

² Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio e do Curso de Economia da UNIOESTE - Campus de Toledo, Economista pela Unioeste, Especialista em Teoria Econômica - UFPR, Mestre em Desenvolvimento Econômico – UFPR, Doutor em Demografia – UNICAMP. Líder e Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC) da Unioeste – Campus de Toledo / CNPQ e Coordenador do GT Migração da ABEP – e-mail: ricardo.rippel@unioeste.br

³ Professora da UNIFASS – Marechal C. Rondon – PR e da UNIPAN – Cascavel - PR, Bacharel em Ciências Econômicas (Unioeste) e Licenciada em Pedagogia – (Ulbra), Mestre em Educação PUC – Campinas, Doutora em Educação pela UNICAMP, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC) da Unioeste – Campus de Toledo / CNPQ e-mail: valdericerippel@uol.com.br.

⁴ Bacharelada do quarto ano de Economia pela Unioeste - Toledo, Bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPQ/UNIOESTE.

Introdução

A relação entre educação e desenvolvimento tem sido muito debatida no cenário mundial, especialmente após o término da Segunda Guerra Mundial, momento no qual evidenciou-se que os países que conseguiram se recuperar mais rapidamente das perdas provocadas pela mesma foram aqueles que contavam com uma melhor formação educacional de seu povo. Entretanto, esta discussão também é reflexo de situações práticas no dia-a-dia que atraem e atraíram a atenção dos pesquisadores de diversas áreas, tanto que Singer & Szmrecsányi (1991), ao analisarem a conexão entre desenvolvimento e dinâmica populacional sustentam que o mesmo é um processo muito mais amplo do que o mero crescimento econômico de um país ou de uma região, pois para que ele ocorra há a necessidade de que as condições e a qualidade de vida da população se elevem.

Assim vê-se que o desenvolvimento⁵ é um processo qualitativo de mudança estrutural; histórico em sua essência, não apenas porque leva tempo para se materializar, mas porque configura uma evolução entre duas ou mais situações estruturalmente diversas, sendo que as modernas concepções do mesmo levaram a criação e ao estabelecimento de instrumentos capazes de medi-lo, caso do IDH⁶. Tanto que segundo Leite (1983), se entende que o desenvolvimento deve: "...significar melhorias nas condições de vida, para os quais o crescimento econômico e a industrialização são essenciais. Mas se não há preocupação com a qualidade do crescimento e das mudanças sociais, não se estará falando em desenvolvimento econômico." (LEITE, 1983, p. 28).

Assim é necessário assumir que o desenvolvimento é um processo de transformação estrutural no qual os indivíduos da área sob análise têm real participação e vivenciam os resultados, que implicam necessariamente na elevação de sua qualidade de vida. Observa-se então que os debates referentes a sua ocorrência têm evoluído, principalmente após as análises de Rostow (1978). Segundo ele, o desenvolvimento ocorre em estágios que possuem um papel fundamental, em cada um destes é imprescindível a participação dos indivíduos, pois, em síntese, eles são os responsáveis e os usuários deste fenômeno e dos seus resultados.

Nesse processo histórico, segundo Ravenstain (1980), o cenário do desenvolvimento econômico de uma região tem influência nos deslocamentos populacionais que para lá se dirigem e de lá se originam. Sustenta o autor que, nesse movimento de crescimento da economia, a migração é importante fator no processo; ora influenciando o mesmo, ora sendo influenciada por ele. Argumenta ele que tais fluxos têm rebatimentos econômicos importantes, de tal modo que a questão merece uma análise mais detalhada.

⁵ Segundo as Nações Unidas, o desenvolvimento econômico destina-se a oferecer aos povos melhores oportunidades para uma vida mais condigna. Assim, a condição essencial para o desenvolvimento consiste em que este abranja as necessidades básicas das pessoas: nutrição, educação, emprego, distribuição da renda, oportunidades aceitáveis de melhorar suas próprias condições de vida. Assim para que ele ocorra há que se ter crescimento econômico, mas também mais dignidade humana, qualidade de vida, segurança, justiça, igualdade e bem-estar social, e uma dos principais instrumentos de melhoria das condições de vida dos indivíduos é sua qualificação educacional.

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mede o nível de desenvolvimento humano dos países, regiões ou municípios, utilizando alguns componentes em sua determinação, que são: indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), indicadores de longevidade (esperança de vida ao nascer, mortalidade infantil) e indicadores de renda (PIB per capita, uma paridade de poder aquisitivo em dólares que reflete o nível de vida).

De tal modo que, por exemplo, os enfoques de análise regional têm se constituído em importantes ferramentas de estudos, realizados em diversos segmentos e setores das sociedades, principalmente quando são abordados por enfoques socioeconômicos relativos à população. E, quando se adota tal enfoque, transparece a participação dos indivíduos e suas famílias, que constituem o componente demográfico⁷ da questão. De modo que uma análise apurada permite ver que a migração de indivíduos e famílias tem sido muito comum ao longo de nossa história, bem como tem sido determinante na configuração de diversas características das áreas de colonização e desenvolvimento recente da pátria.

Apesar de os estudos sobre a migração interna já estarem em situação mais avançada do que a duas décadas atrás, ela continua a merecer novas análises, dadas as suas variadas facetas e peculiaridades, isso com o intuito de se compreender melhor os seus condicionantes e conseqüências, principalmente ao nos referirmos à colonização e ocupação das chamadas áreas de fronteira recente. Este fato revela uma incongruência, pois as transformações ocorridas na sociedade brasileira têm sido objeto de debates e de análises intensas de várias ciências. Nestes estudos se percebe que o contexto no qual ocorreram e ocorrem às migrações é caracterizado: por deslocamentos de expressivos contingentes humanos; reordenações geográficas; e pela produção de espaços existenciais que são historicamente construídos e que derivam da adoção de práticas produtivas decorrentes das relações cotidianas. E que isto, via de regra, surge das relações que os indivíduos estabelecem e que são atreladas às potencialidades econômicas e de inserção social e produtiva das regiões de ocupação. RIPPEL, et all(2009).

Assim, como um fenômeno social importante, as migrações internas são, ao mesmo tempo, condicionadas e resultantes de um processo global de mudanças sociais e econômicas, das quais não podem ser separadas. De modo que este artigo procura tratar da produção e das transformações na realidade social do Oeste do Paraná a partir das repercussões das migrações ocorridas na região; principalmente no que se refere às características educacionais dos chefes de família imigrantes que se dirigiram para a área desde a década de 1950 e sua relação com o crescimento econômico e o desenvolvimento regional.

Nesse sentido, observa-se que o desenvolvimento de uma região encontra-se vinculado à dinâmica e à organização do capital, que necessita transformar as condições “ambientais locais”, moldando-as segundo seu interesse e necessidade de expansão, dado que normalmente o deslocamento de pessoas e de investimentos para uma área determinada está diretamente relacionado tanto com o comportamento geral da economia quanto com o processo de inserção e unificação de mercados e da região no mercado. (Santos, 2003).

Este processo por sua vez gera constantes transformações das condições produtivas locais que por sua vez modificam as possibilidades de inserção social, econômica e produtiva dos indivíduos, fato que acaba também por alterar substancialmente as possibilidades de colocação que os imigrantes vislumbram. De modo que o crivo de exigências que passam a enfrentar normalmente torna-se mais rígido, e uma das únicas maneiras de poder contornar este problema, é a uma melhor qualificação educacional. (Rippel, 2005).

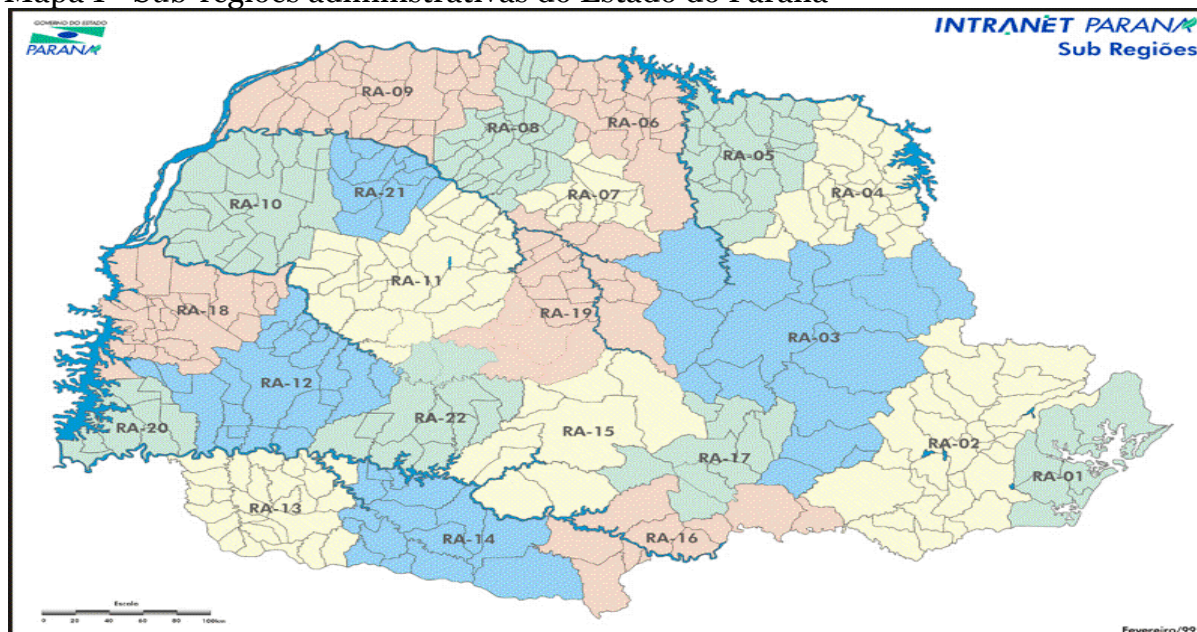
Assim sendo o Oeste do Paraná é um importante objeto de pesquisa, pois se constitui numa área de formação socioeconômica recente, cuja ocupação é resultante

⁷ A importância deste elemento tem-se configurado, na história do Brasil, como essencial para a consolidação e desenvolvimento de diversas regiões do país, especialmente nos últimos 40 anos.

em sua maior parte de movimentos migratórios colonizadores oriundos do Sul do Brasil, principalmente a partir de 1946. Neste período a região inseriu-se no modelo de desenvolvimento nacional voltado para a ocupação das fronteiras e no processo de transnacionalização do capital, acolhendo grandes contingentes populacionais provindos, em sua maior parte, das antigas zonas de colonização agrícola do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, estruturadas em base à pequena propriedade familiar. Porém a redução das oportunidades de inserção da fronteira agrícola da área coincide com o desenvolvimento agroindustrial e com importantes mudanças no padrão produtivo do Estado, e o período que segue é marcado por grandes fluxos de saída do Paraná que passa a apresentar as menores taxas de crescimento do país. Este cenário, na região foi ainda mais contundente, tal qual apontado por Rippel (2005).

Segundo o autor, estes acontecimentos repercutiram diretamente nos movimentos migratórios de pessoas e de capitais, inserindo novos territórios, novas fronteiras ao processo dinâmico da produção capitalista nacional, e ainda segundo o autor na área isto fica ainda mais evidente com as transformações produtivas e as mudanças das possibilidades de inserção que a região historicamente ofereceu aos chefes de família imigrantes, e que se tornam mais evidentes quando se analisam as características da formação educacional desta população⁸. A região Oeste do Paraná comporta atualmente três das dez seis maiores cidades do Paraná – Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo – e é formada por três RAs - regiões administrativas (12-Cascavel, 18-Toledo e 20-Foz do Iguaçu), como se vê no Mapa 01.

Mapa 1 - Sub-regiões administrativas do Estado do Paraná



FONTE: Rippel (2005, pg. 09)

⁸ Esta transformação deu-se com grande intensidade particularmente na área, impulsionada que foi pelo acesso dos produtores às tecnologias avançadas de máquinas, equipamentos, sementes tratadas, crédito abundante, etc., instrumentos estes direcionados para a consolidação do binômio produtivo agrícola soja/trigo na região, que teve efeitos importantes no comportamento das populações da área, principalmente rurais, e que afetou de forma muito importante às possibilidades de inserção dos imigrantes e sua qualificação educacional. (Rippel 2005).

Já década de 1970, a agricultura da região sofreu transformações resultantes da modernização na agricultura nacional, fato incentivado pelo Estado e que teve como base uma política de crédito com juros reais abaixo da inflação, acompanhada pela comercialização dos principais produtos (soja e trigo), para o atendimento da demanda externa em grande escala, primordialmente da crescente demanda por proteínas vegetais no mercado internacional¹⁰.

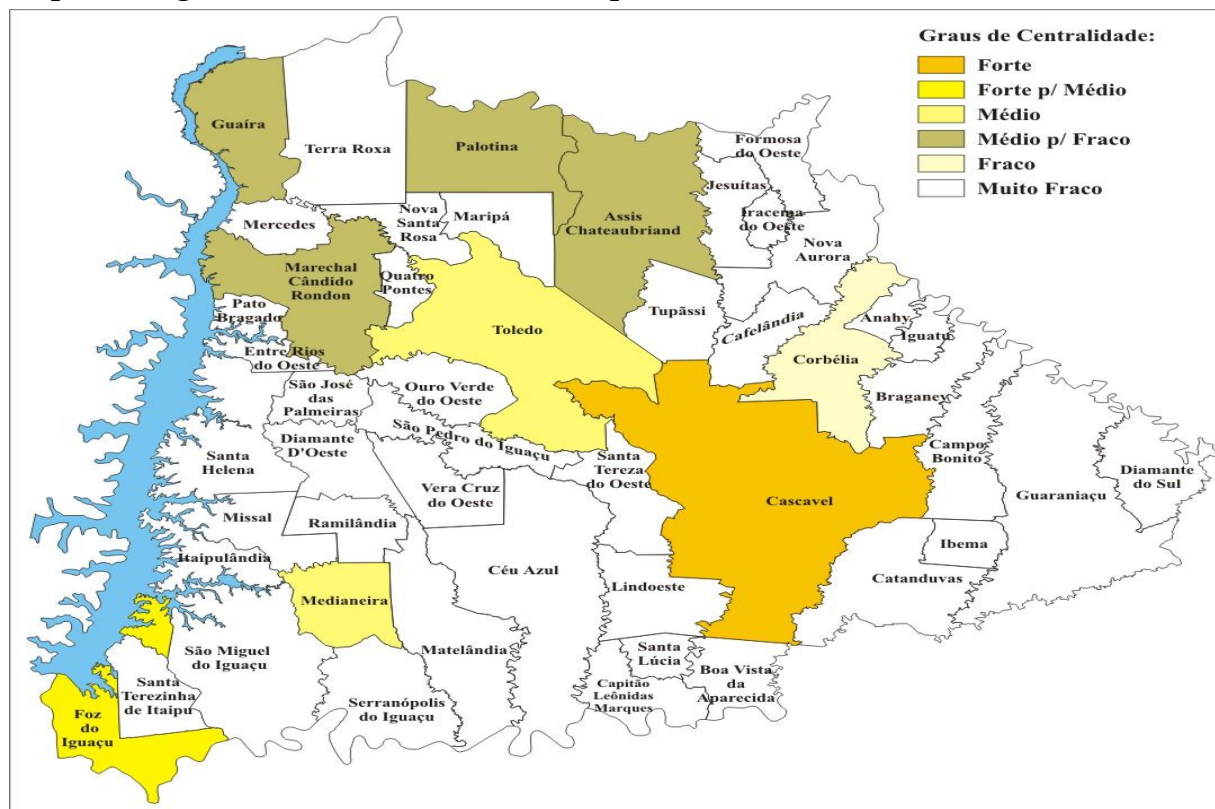
Isto, somado à condição geofísica e a topografia da área da área, possibilitou a mecanização de vastas áreas, atingindo o comportamento de absorção ou repulsão de indivíduos na região. Com efeito, o que se percebe é que a grande expansão populacional das décadas de 1950 a 1970 esteve atrelada à grande quantidade de vendas das terras agrícolas, fato que estimulou o crescimento da área e que encontrou na migração elemento fundamental para o processo, e que, justamente por causa destas características econômicas e sociais dos migrantes, embasou a economia regional inicialmente na policultura. (Rippel, 2005).

Entretanto, a partir da década de 1970, com a modernização da produção agrícola regional com vistas à exportação, ocorre uma grande alteração na capacidade de absorção e manutenção de mão-de-obra rural, resultando numa forte queda no fluxo de imigrantes para a região. Isso, mais as dificuldades observadas no setor agrícola do país no final da década gerou diversos problemas sociais e econômicos e provocou, a partir de 1980, um declínio substancial nas condições ali existentes, resultando num movimento de expulsão de pequenos proprietários de suas áreas, tal qual apontado por Magalhães (1996).

Desse modo, num curto espaço de tempo, importantes mudanças tecnológicas ocorreram na região com grandes transformações econômicas de efeitos contundentes sobre a dinâmica de crescimento e de distribuição da população, pois, segundo Martine (1994), de região receptora de grandes fluxos migratórios, o Oeste paranaense passou rapidamente a constituir-se numa das principais áreas de emigração do país, com um acelerado de êxodo rural e urbanização concentradora, dando origem a uma organização regional com diferentes graus de centralidade por parte dos municípios, tal como se pode verificar no mapa 3 a seguir.

¹⁰ Vê-se então que, segundo o IPARDES (1981: 44-61) a evolução do cultivo da soja no Extremo-Oeste, cujo resultado é a participação em mais de 1/3 da produção estadual em 1970, explica-se basicamente a partir de duas destinações dadas ao produto. A primeira refere-se ao fato de que o alto valor protéico deste produto foi responsável pela sua difusão na alimentação animal, especialmente do rebanho suínos. E que é a partir desta destinação que se explica a introdução da soja na região, bem como no Sudoeste Paranaense, ainda na década de 1950, pelos colonos, os quais consorciavam o cultivo da soja com o do milho. Outra destinação dada ao produto era a comercialização, através da qual o mesmo seguia para as indústrias de óleos vegetais ou para a exportação. Esta destinação que foi introduzida no Paraná ainda nos anos cinquenta passou a predominar a partir do final da década de 1960, impulsionada pela demanda externa.

Mapa 3 - Região Oeste do Paraná – Municípios e Fronteiras – 2005



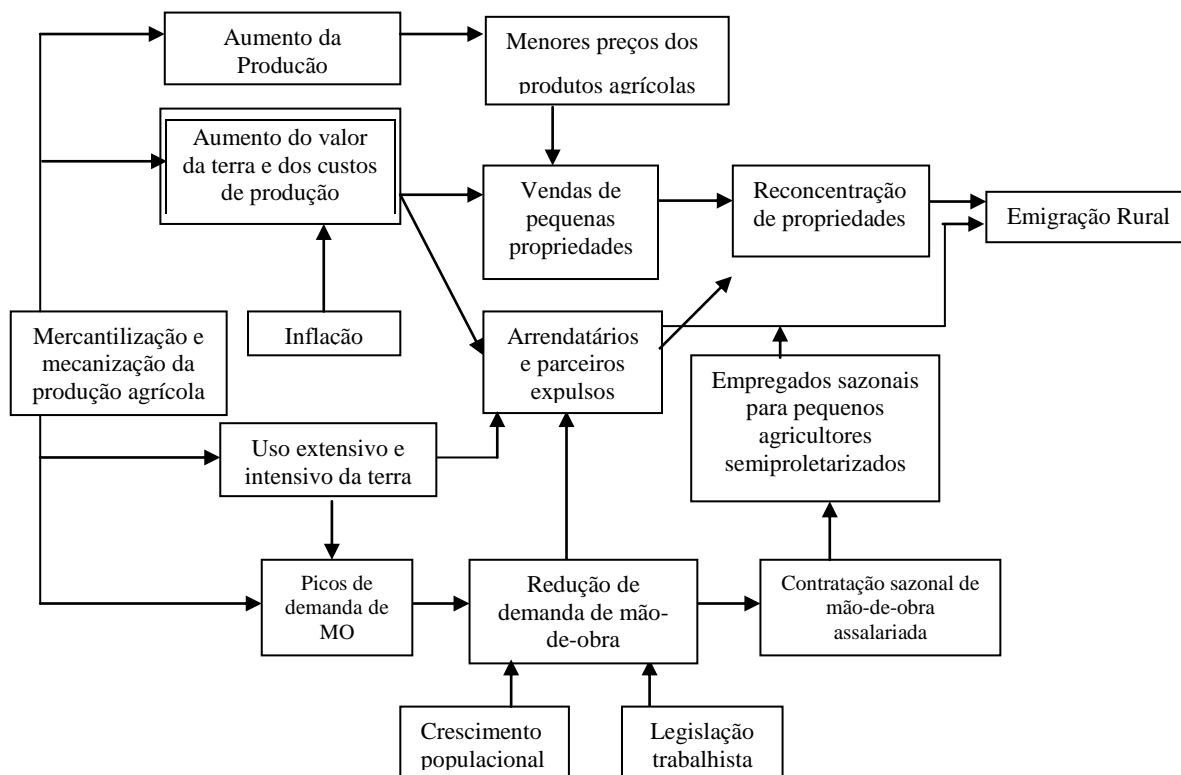
FONTE: RIPPEL (2005, pg.14).

Assim alguns municípios da área detêm distintos graus de influência no crescimento e no desenvolvimento regional. Destes, destacam-se Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu, que possuem graus de centralidade mais expressivos que os demais da região. Estes graus de centralidade, de certo modo, também se expressam em níveis de atração e repulsão migratória destacados, implicando historicamente no fato de que estes municípios capitanearam o crescimento econômico e demográfico da região. (Rippel et al. 2005b).

Desta forma o desenvolvimento da região está intrinsecamente ligado à dinâmica da economia e da população regional, onde se destaca o fato de que desde a colonização a área mantinha relações de troca com parte do território nacional e com o mundo. Rippel (2005) aponta que na área o desempenho demográfico deteve grande participação dos movimentos migratórios que ali ocorreram, e estes detêm forte relação com o que acontece com a população rural e mesmo com os próprios setores econômicos do local, especialmente o setor primário. De modo, que os pequenos produtores rurais da área, apesar de terem diminuído em termos de volume de população na área, ainda detêm importância, haja vista a distribuição fundiária regional que, segundo a SEAB-Secretária de Abastecimento e Agricultura do Estado do Paraná, em 1999 ainda apresentava 36,36% das terras da mesorregião nas mãos de mini e pequenos produtores rurais. Como essa forma de compreensão do processo na região é parte da percepção do que entendemos ter ali ocorrido, reportamo-nos à Wood e Carvalho (1994), que, analisando semelhante cenário, sustentam que a adoção do binômio produtivo da soja e trigo gerou fortes conseqüências no país, principalmente em regiões de fronteira recente, caso do Oeste do Paraná, então usando a Figura 1, elaborada a partir das argumentações dos autores, Rippel (2005) retratou alguns dos mecanismos através dos quais a

comercialização e a mecanização da produção agrícola impactaram na emigração rural no Oeste do Paraná.

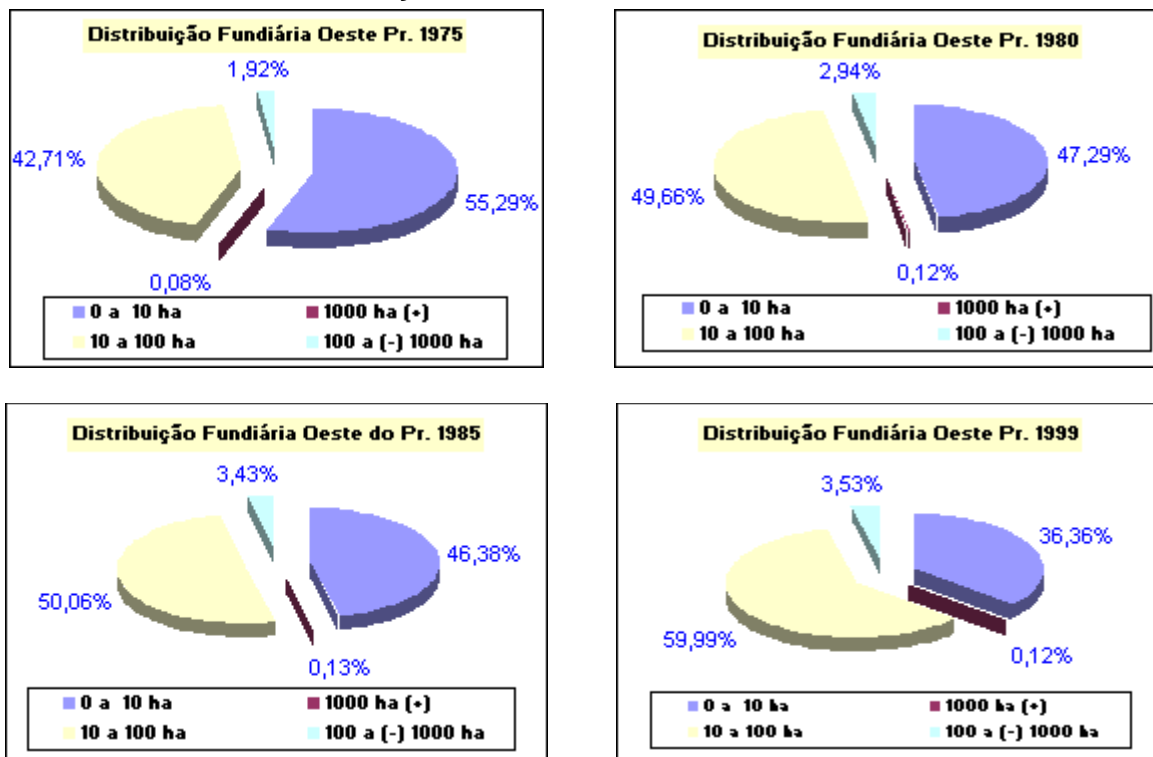
Figura 1 - Mecanismos por meio dos quais a Mecanização e a Mercantilização da Produção Rural no Oeste do Paraná propiciaram Emigração Rural



Fonte: Adaptações de Rippel (2005, pg.68) com base em Wood e Carvalho (1994, p. 238)

Embora o diagrama proposto não esgote as causas do êxodo rural da área e menos ainda da migração na região, ele nos oferece, não obstante, uma sistematização pertinente das muitas relações-chave referidas anteriormente, com as quais concordamos. Neste processo, o que se viu na região, foi um movimento de transformação muito intenso que repercutiu na sua organização fundiária, que tinha em 1975 mais de 55% de seu espaço territorial rural em mais de pequenas propriedades, e que chega em 1999 com apenas 36,36% com pequenos proprietários rurais, tal como se pode verificar nos gráficos 1, 2, 3, e 4, a seguir.

Gráficos 1, 2, 3, e 4 - Distribuição Fundiária do Oeste PR de 1975 a 1999.



Fonte: Rippel (2005, p. 118).

Este cenário de transformação repercutiu na distribuição da população da área. De modo que no censo demográfico de 1970 a área detinha aproximadamente 80% de sua população residindo em áreas rurais, e em 2000 viu-se uma total inversão deste cenário, pois a área apontava naquele ano apenas 18,40% de sua população total em áreas rurais, tal como se pode verificar na tabela 01 a seguir. Tal mudança condiz com o crescimento do uso de tecnologias modernas de produção rural. Assim o local adaptou-se as novas exigências produtivas e de mercado, que passou a demandar mais *commodities*, que para sua produção necessitam de um índice de uso de tecnologia mais elevado, caso da soja e do trigo.

Tabela 01 - Evolução da Composição da População e Densidade Demográfica do Oeste Paraná. Por área urbana ou rural de residência - de 1970 a 2000

Ano do Censo	População Urbana			População Rural			População Total	
	Total Urbano	% no total da Pop. Regional	Densidade Demográfica (hab/Km ²)	Total Rural	% no total da Pop. (hab/Km ²)	Densidade Demográfica (hab/Km ²)	Total Geral	Densidade Demográfica (hab/Km ²)
1.970	149.516	19,87	6,53	602.916	80,13	26,32	752.432	32,85
1.980	484.504	50,43	21,15	476.225	49,57	20,79	960.729	41,94
1.991	728.126	71,67	31,78	287.803	28,33	12,56	1.015.929	44,35
1.996	832.691	77,2	36,35	245.893	22,8	10,73	1.078.584	47,08
2.000	929.092	81,6	40,56	209.490	18,4	9,14	1.138.582	49,7

Fonte: Rippel (2005, pg. 121)

Assim a modernização da agricultura regional se confunde com a expansão da produção de *commodities* na área, vez que segundo Rippel (2005), conforme foi

crecendo a produção das mesmas, cresceu também o uso de tecnologias mais avançadas na produção, principalmente daquelas representadas por máquinas de plantio e de colheita, bem como de tratores, tal como se pode ver na tabela 02 a seguir, três importantes equipamentos necessários para uma produção mais rápida e eficiente, mas que também geram um volume expressivo de desemprego no campo.

Tabela 02 - Números totais de Equipamentos Mecânicos Rurais no Oeste do PR nos anos de 1975, 1980, 1985 e 1995

Equipamento	ANOS							
	1975	1980	Var % 1975/80	1985	Var % 1980/85	1995	Var % 1985/95	Var % 1975/95
Arados (tração animal)	35.414	35.819	1,14	38.535	7,58	20.618	-46,5	-41,78
Arados (tração mecânica)	13.684	21.761	59,03	22.173	1,89	17.625	-20,51	28,8
Máquinas (plantio)	-	13.704	-	19.389	41,48	18.357	-5,32	-
Máquinas (colheita)	5.968	9.064	51,88	5.235	-42,24	4.801	-8,29	-19,55
Tratores	10.216	16.247	59,03	20.667	27,21	31.986	54,77	213,1

Fonte: Rippel (2005, pg. 128).

Isto é importante porque segundo Ambercombie (1972)¹¹, uma média de 19 trabalhadores são substituídos por um trator em fazendas com tamanho entre 50 e 200 hectares de terra. Aponta ele ainda que a taxa de substituição entre trabalhadores e máquinas cai regularmente com o aumento do número de hectares cultivados, e que, é maior em cereais como o trigo, por exemplo.

Assim se por exemplo, levarmos em consideração o aumento dos tratores na região, verificaremos que este valor se eleva concomitantemente à diminuição da população rural da área, e mais, se aprofundarmos nossa especulação sobre o assunto veremos que a diferença do total de tratores na região entre 75 e 99 obteremos 21.770 equipamentos a mais; e multiplicando-se esta diferença por dezenove, número médio de trabalhadores substituídos no campo por trator, conforme sustenta Ambercombie (1972), obteremos um total estimado de mais de 416.000 trabalhadores desalojados do rural do Oeste do Paraná no período, apenas em função da introdução de mais tratores nas áreas de produção rural da região, valor muito próximo a diferença apontada entre a população rural da região em 1970 e 2000, uma clara ligação entre a modernização da produção agrícola da área e a emigração rural da área. Desta forma, uma análise mais aprofundada desta temática faz-se necessária, pois é evidente que a modernização da produção rural no Oeste do Paraná exerceu forte influência no comportamento demográfico da área, assim vejamos:

2 A Modernização da agricultura e o comportamento da PEA no Oeste do Paraná – rebatimentos migratórios.

Durante as últimas décadas do século XX, o Oeste do Paraná viu distribuição de sua população segundo situação de domicílio modificar-se completamente, tal qual apontado anteriormente. Isso é muito importante pois se considerarmos que a região partiu de uma situação de produção agrícola intensiva no uso de mão-de-obra,

¹¹ Autor cujo estudo sobre a agricultura latino-americana permitiu observar, o impacto da mecanização sobre a absorção de mão-de-obra, e que aponta que o mesmo dependia do tamanho da fazenda; e que utilizando-se de dados referentes à Colômbia indica que a mecanização traz produtividade mas gera desemprego no campo.

notadamente familiar “simples e rústica”, para uma situação de produção intensiva em tecnologia com baixo uso de mão-de-obra¹², tal qual se pode verificar na Tabela . Vê-se que isto se deu concomitantemente à disseminação e intensificação do uso de modernas tecnologias de plantio, manutenção e colheita, tal qual citado anteriormente, e que isso representou, ao longo do tempo, um importante fator condicionante do movimento migratório da região.

Sobre isso, Wood e Carvalho (1994) apontam que a mecanização da produção agrícola e seu comércio crescem, via de regra, de forma simultânea e que este fato rebate no comportamento demográfico de várias regiões do Brasil. Argumentam que deslocamentos populacionais rurais têm, como aspecto mais significativo, a redução da demanda de mão-de-obra permanente no campo, vez que, com a mecanização das fazendas, ocorre a substituição de grande parte dos empregados rurais permanentes, de arrendatários e de parceiros, por trabalhadores assalariados temporários; intensificou-se, assim, o uso da tecnologia e alterou-se o sistema de produção, tornando-o mais independente da mão-de-obra em sua execução.

Diante deste contexto, percebe-se que a região reflete este tipo de situação, pois os dados indicam, tal qual apontado por Câmara (1985) e Rippel (2005), que a região vivenciou uma brutal redução da agricultura familiar e do seu volume total de trabalhadores no campo, pois o padrão produtivo regional e a mercantilização dos produtos agrícolas reduziram em muito as possibilidades de inserção da produção familiar anteriormente existente. Esta realidade, agregada ao cenário das profundas modificações do campo nacional, reduziu em muito a PEA - população economicamente ativa presente no setor agrícola do Oeste do Paraná, tal como se pode verificar na Tabela 3, a seguir.

Como se pode observar ali, o comportamento da PEA regional de 1970-2000 indica que, em 1970, ela totalizava aproximadamente 266.000 indivíduos, ou 35,46% do total da população regional. Destes 78,80% trabalhavam no setor primário, pois a maior parte das atividades econômicas da região, no período, concentravam-se neste setor. Gradativamente esse cenário se alterou, tanto que, em 1980, do total da PEA regional, estimada em aproximadamente 341.000 indivíduos (35,53% do total da população da área), 46,96% trabalhavam no setor primário. Isso significa que o setor primário regional teve sua participação no que se refere à absorção de força de trabalho reduzida e muito, vez que, de 1971 a 1980, esse setor da economia em termos da PEA ocupada encolheu 2,68% ao ano.

Esse fato é o oposto ao que ocorreu com o desempenho econômico do setor da prestação de serviços, que cresceu ainda mais em termos de participação no PIB regional. Entretanto, isto também não implica afirmar que o setor primário perdeu sua posição de ramo da economia mais importante da área, em termos de absorção da PEA. Significa isso sim, que o mesmo se ajustou a um novo cenário produtivo quando comparado à situação de dez anos antes¹³. Na verdade no período ocorreu um acelerado crescimento da PEA dos outros setores da economia regional, tais como: o da prestação de serviços, que passou a representar 13,93% do total da população regional; o de atividades industriais, que alcançou 12,60% do total; o do comércio de

¹² Neste caso a mão-de-obra utilizada no campo, via de regra ainda é menos qualificada que a urbana, porém é muito mais qualificada se comparada com a que era utilizada no início da década de 1970. (Rippel, 2005a).

¹³ Segundo Rippel (1995) e Piffer (1997), nesse período o valor agregado regional de origem primária se expandiu, especialmente em função da especialização da produção agropecuária e dos ganhos de produtividade obtidos, contudo tal expansão foi muito menor do que as dos demais setores da economia da área.

mercadorias, que atingiu 13,60%; e o do setor das atividades sociais, que cresceu 12,65% ao ano no período. Já em 1991, o cenário novamente se alterou. O setor primário mais uma vez encolheu, tanto em termos absolutos quanto em relativos, passando a 30,23% do total da PEA e aproximadamente 12,17% da população regional cedendo novamente espaço para atividades econômicas mais urbanas, tal como se pode ver na Tabela 03 a seguir.

Tabela 03 - Oeste Paranaense - População Economicamente Ativa - PEA por Setor da Economia de 1970 a 2000, dados censitários e taxas de crescimento anuais

Setor de Atividade Econômica	PEA 1970	% sobre Pop. Total da Região em 1970	% sobre PEA Regional em 1970	PEA 1980	% sobre Pop. Total da Região em 1980	% sobre PEA Regional em 1980	Taxa de Crescto. Anual de 1971 - 80	PEA 1991	% sobre Pop. Total da região em 1991	% sobre PEA Regional em 1991	Taxa de Crescto. Anual de 1981-91	PEA 2000	% sobre Pop. Total da Região em 2000	% sobre PEA Regional em 2000	Taxa de Crescto. Anual de 1991-00	Taxa de Crescto. Anual de 1970-00
Agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca	210.254	27,94	78,8	160.301	16,69	46,96	-2,68	123.604	12,17	30,23	-2,34	102693	9,02	20,76	-2,04	-2,36
Prestação de Serviços	12.144	1,61	4,55	47.535	4,95	13,93	14,62	87.634	8,63	21,44	5,72	47761	4,19	9,65	-6,52	4,67
Transportes, comunicações	4.861	0,65	1,82	11.642	1,21	3,41	9,13	15.215	1,5	3,72	2,46	30172	2,65	6,1	7,9	6,27
Atividades Industriais	16.661	2,21	6,24	54.593	5,68	15,99	12,6	67.977	6,69	16,63	2,01	93004	8,17	18,8	3,54	5,9
Comércio de Mercadorias	10.170	1,35	3,81	36.397	3,79	10,66	13,6	64.860	6,38	15,86	5,39	120101	8,17	24,28	7,09	8,58
Atividades Sociais	4.637	0,62	1,74	15.254	1,59	4,47	12,65	27.403	2,7	6,7	5,47	29152	2,56	5,89	0,69	6,32
Administração Pública	3.221	0,43	1,21	7.845	0,82	2,3	9,31	13.458	1,32	3,29	5,03	22787	2	4,61	6,03	6,74
Outras Atividades	4.876	0,65	1,83	7.769	0,81	2,28	4,77	8.680	0,85	2,12	1,01	49047	4,31	9,91	21,22	8
Total	266.824	35,46	100	341.336	35,53	100		408.831	40,24	100		494717	41,07	100		

Fonte: FIBGE – Rippel (2005, pg. 132).

De fato os demais setores econômicos passaram a representar 69,77% da PEA, sendo que os anteriormente apontados, como os mais importantes por essa inversão, mantiveram-se na liderança em termos de crescimento, fato este que ocorreu concomitantemente a um novo decréscimo do setor primário da economia regional, que perdeu de 2,34% de população ao ano no período.

Em 2000, esse panorama se transformou mais uma vez, porém manteve-se a tendência de queda da participação do setor primário na PEA regional, redução que atingiu aproximadamente 30,23% no período, saindo de um valor aproximado de 123.604 indivíduos em 1991 para 102.693, perfazendo apenas 20,76% da PEA total e 9,02% da população total regional. A região manteve a tendência de expansão dos outros setores da economia regional, pois a área região passou a apresentar um perfil efetivamente mais urbano em termos de PEA, e de distribuição de sua população, pois a maior parte desta, em 2000, desenvolvia atividades econômicas que, via de regra, têm um caráter mais urbano¹⁴, e isto por sua vez impactou diretamente na maneira como a área passou a absorver imigrantes e esse acontecimento teve um efeito maior ainda na qualificação educacional que passou a ser exigida destes para sua inserção; vejamos.

3. A Migração e o fator educação no Desenvolvimento da área

Nesta parte do artigo traçaremos algumas considerações sobre o perfil educacional dos chefes de família imigrantes na região. O uso deste dado permite realizar algumas considerações a respeito dos migrantes na área, pois reflete de modo amplo boa parte das condições socioeconômicas destes e de suas motivações para a migração. Assim, a predominância de pessoas ligadas à agricultura captadas neste setor quando do início da inserção ocupacional dos chefes de família migrantes na região, também corroborada pelo volume de população economicamente ativa captada no setor primário da região durante as décadas em questão, especialmente de 1960 a 1980, permite vislumbrar que este era o setor da economia regional que mais absorvia migrantes.

Este fato, agregado à baixa qualificação educacional identificada em boa parte dos chefes migrantes e que é visível na Tabela 04 a seguir, permite supor que de fato muitos que se dirigiram para a área, fizeram-no para inserir-se na agricultura e pecuária; tal como apontado por Wachowicz (1988), Silva (1989) e Niederauer (2004), pois buscaram a região pelas possibilidades de inserção em setores que não exigissem qualificação, que, no caso de uma área de fronteira, é a agropecuária.

¹⁴ Segundo Rippel (2005) Como de pode verificar, nesse período ocorreu um elevado crescimento do setor econômico das atividades industriais da região, pois esse passou a absorver 18,80% da PEA da área em 2000, contra 6,24% em 1970; outro setor que também se expandiu e muito foi o do comércio de mercadorias cuja participação elevou-se para 24,28% do total, contra 3,81% em 1970. Deste modo, considerando-se o período todo, vê-se que a participação da PEA do setor primário do Oeste do Paraná no total geral da PEA da área, de 1970 para 2000 apresentou um decréscimo anual da ordem de 2,26% a.a., e que, nos demais setores da economia regional, ocorreu um expressivo crescimento, facilmente visualizável na tabela. E considerando-se também a análise da participação da PEA do setor primário da região no total da população da área, novamente o que se observa é uma grande redução, pois essa população, que em 1970 representava 27,94% do total geral da população regional, chega a 2000 com apenas 9,02% do total, sendo que todos os demais setores da economia do Oeste-paranaense se expandiram e apresentaram crescimento.

Tabela 04 - Chefes de Família Migrantes segundo Anos de Estudo / Escolaridade, Principais Municípios e Oeste do Paraná – Participação Percentual nos períodos: 1960/70, 1970/80, 1981/91 e 1990/2000.

Ano de Estudo	Nenhum				Menos de 4				De 4 a 7				De 8 a 10				11 e mais			
Escola- ridade	Sem instrução				Primário Incompleto				Ginásio Incompleto				2º Grau Incompleto				2º Grau Completo ou mais			
Década de	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90	60	70	80	90
Total	37,5	26	13,8	8,29	45,2	30	21,6	16	14,9	31,7	35	33,2	1,2	5,5	11,8	16,6	1,14	7,09	17,8	26

Fonte: Rippel (2005, pg. 206).

Este tipo de panorama permite supor que boa parte destes migrantes captados neste tipo de situação é desprovida de recursos financeiros e pessoais, fato que, de certo modo, é corroborado quando se percebe a baixa escolaridade, de grande parte dos chefes imigrantes quando se dirigiram para o Oeste do Paraná na década de 1960. Sendo que na região, ao longo de todo o período sob análise, os perfis destes indivíduos variaram, tal como se pode observar na Tabela 04.

No período de 1960/70, o predomínio de chefes imigrantes que sequer haviam completado o primário era quase absoluto, pois respondiam por aproximadamente 82,73% do total, sendo que 37,51% destes não tinham nenhuma instrução e 45,22% tinham menos de quatro anos de estudo¹⁵. É também nesse período que a fronteira agrícola regional se expandiu de modo mais expressivo. Então, entende-se ser razoável inferir que a grande maioria dos chefes de família imigrantes na região no período inseriram-se produtivamente no setor primário da economia regional, dado justamente o seu baixo nível educacional. Além disso, a zona rural da região absorveu elevados contingentes de indivíduos, justamente em virtude da distribuição da população total da área.

De 1970 a 1980 ocorreu na região uma interessante modificação no perfil de sua migração. Nessa década, a região ainda se manteve como local de atração migratória, porém em volumes bem menores do que aqueles praticados na década anterior, e também o perfil dos chefes imigrantes modificou-se razoavelmente em termos de nível educacional, vez que o percentual destes indivíduos sem instrução caiu para 25,73% do total; e o percentual daqueles com menos de quatro anos de estudo, ou seja, com o primário incompleto, também apresentou redução e totalizou 29,99%, de modo que estas duas categorias juntas passaram a representar aproximadamente 56% do total de chefes migrantes na região.

Isso se deve basicamente a dois fatores: ao próprio desenvolvimento do país, que passou a demandar trabalhadores minimamente mais instruídos e a política nacional de educação praticada, que se havia iniciado nas décadas anteriores e que na década de 1970 apresentava os primeiros resultados. Tanto que o nível educacional dos chefes imigrantes na região de um modo geral se elevou, pois todas as demais categorias educacionais apresentaram uma composição que indica que o nível educacional dos chefes que se inseriram no período cresceu, como se percebe na Tabela 04.

No período seguinte (1981/91), a tendência de queda da participação de chefes migrantes com baixo nível educacional se manteve, bem como permaneceu a tendência de ampliação da participação percentual no total de chefes migrantes com um grau de escolaridade maior. Em termos da composição da população de

¹⁵ Essa informação é importante porque a década de 1960 foi a que apresentou a maior expansão populacional na região e isto ocorreu principalmente em função dos saldos migratórios que foram positivos e muito elevados, tal como apontado no capítulo 3.

imigrantes na área, pode-se afirmar que os chefes mais instruídos nesse período passaram a ser a maioria. Cresceu o contingente daqueles com o nível “ginásio incompleto” que atingiram 35,01%, os de “segundo grau incompleto” para 11,78% e os chefes imigrantes com “segundo grau completo ou mais” viram sua participação no total se ampliar ainda mais, pois totalizaram 17,11% e conjuntamente responderam por mais de 52% do total de chefes inseridos.

De 1990 a 2000 essa tendência tornou-se ainda mais expressiva, principalmente porque, em termos de volume, os chefes migrantes com “segundo grau completo ou mais” atingiram 26% do total; os de segundo grau incompleto atingiram 16,55% e os de ginásio incompleto 33,19%. Desse modo, estas três categorias totalizaram mais de 75% do movimento, ocorrendo assim uma destacada transformação na composição do conjunto. E isso se deu concomitantemente à redução da participação no conjunto, daqueles com instrução inferior ao primário.

Como já mencionado, diversos fatores participaram direta ou indiretamente nesta evolução do nível de qualificação das pessoas e dos chefes imigrantes no Oeste do Paraná, quais sejam: cai a migração de fronteira na área pelos motivos já expostos, esta mudança faz reduzir em muito as oportunidades de inserção de indivíduos com pouco anos de instrução, concomitantemente a isto as políticas nacional e estadual de educação possibilitaram parte da mudança deste cenário na região.

Outro fato importante que se pode verificar na Tabela 04 é o ocorrido com a situação dos chefes de família migrantes com “ginásio incompleto”. Nela se percebe, ao longo de todo o período, que os mesmos mantiveram praticamente a mesma participação no processo, perfazendo 33,19% do total; e que aqueles com o “segundo grau incompleto” também apresentaram um importante crescimento atingindo uma participação percentual de 16,55% no total de chefes migrantes.

Assim ao longo de todo período observado, na região Oeste do Paraná, aconteceram importantes transformações no perfil dos chefes imigrantes da área, pois ao longo do período estes passaram a apresentar níveis educacionais mais elevados. O que se percebe no processo é que ocorreu um sensível melhora nos níveis educacionais dos chefes imigrantes na região, não só pelas questões da queda da imigração na região, ou por causa das políticas educacionais nacionais, mas também porque os sem instrução diminuíram seu volume de imigração para a área, pois esta passou a elevar o grau de exigência para a inserção de novos imigrantes, o que obrigatoriamente rebateu na maior participação percentual dos imigrantes mais qualificados ao longo do tempo.

Este fato é bastante sugestivo na medida em que permite supor que a imigração direcionada para a área, ao mesmo tempo em que se reduz de maneira significativa, também vai elevando o seu grau de instrução, pois isto é um dos fatores que auxiliam na inserção produtiva. Isso corrobora de certo modo as modificações apresentadas anteriormente referentes às condições de ocupação e de inserção dos chefes migrantes na área, que paulatinamente deixam a configuração global de uma inserção de tipo rural para se transformar em urbana, daí que passa a ser maior a necessidade de qualificação em termos de nível educacional dos migrantes.

Assim, o volume total de migrantes na área passa a ter maior participação de indivíduos detentores de níveis de escolaridades mais elevados, o que confere com a afirmação de Brito (2000), de que as regiões passaram a estabelecer e gerar critérios mais rígidos de absorção de migrantes, exigindo destes um grau de qualificação profissional e educacional maior. Isso acaba por se transformar num processo seletivo destes indivíduos, que passam a enfrentar diversas barreiras à entrada nas áreas de destino.

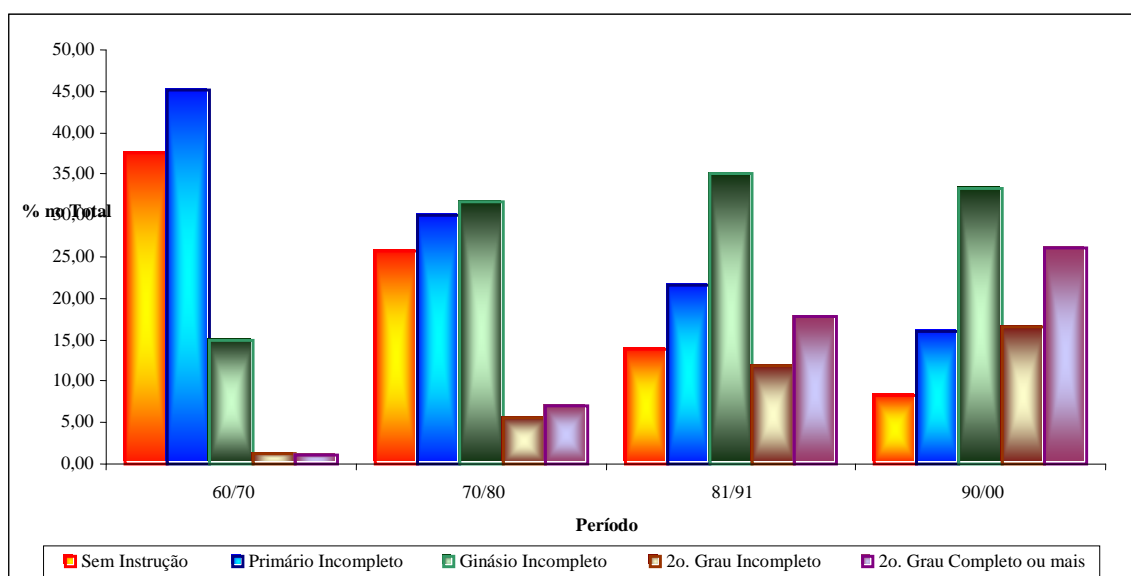
Embora a tendência reflita, em certa medida, o que se passou no país como um todo, não deixa de ser relevante, para a compreensão do processo migratório regional, o fato de que o percentual de chefes imigrantes com escolaridade superior ao ensino médio de 1,14% em 1970; tenha alcançado 26% em 2000.

Em todo caso, não se pode perder de vista que este comportamento só foi possível graças à forte redução de imigração para a área, em particular daquela ligada à ocupação pioneira de seu território que, como se demonstrou, era essencialmente composta de indivíduos de baixa escolarização, direcionados para o setor primário da economia regional, e de que este comportamento é retratado em termos de participação percentual na composição do processo. Se uma categoria tem sua participação no processo cair é porque outra se elevou (caso dos sem instrução, versus os de segundo grau completo ou mais).

Assim, olhando-se o mesmo gráfico, percebem-se claramente as transformações ocorridas na composição educacional do conjunto de chefes de família imigrantes no Oeste do Paraná. Estas transformações, por sua vez, apresentaram pouca variabilidade em relação às modificações econômicas da área, pois se visualiza que em 2000 há um claro indício de que os chefes migrantes passaram a apresentar níveis de escolaridade bem superiores aos da década de 1960.

Como as condições de inserção em termos de setor de ocupação dos migrantes, dos chefes e mesmo de suas famílias transformaram-se visivelmente, acompanhando a evolução econômica regional e o desenvolvimento ali empreendido, mudaram-se também os condicionantes do processo e os critérios para a inserção econômica e até social dos migrantes.

Gráfico 01 - Chefes de Família Imigrantes no Oeste do Paraná Segundo Escolaridade de 1960 – 2000 Participação percentual em termos de anos de Estudo



Fonte: Rippel (2005, pg. 209).

E este complexo cenário tem, de modo muito evidente no nível de qualificação educacional dos chefes imigrantes, um indicador de que realmente este processo de absorção migratória acompanhou as profundas mudanças ocorridas na área. Deste modo, vejamos, no Gráfico 01, o que ocorreu com o nível educacional dos chefes de família imigrantes na região durante todo o período que vai de 1960 a 2000.

Considerações Finais

Como exposto no artigo, o perfil da migração no Oeste do Paraná é resultante de seu arrefecimento, do fato de que a mesma tornou-se menos numerosa e mais escolarizada; bem como do fato de que, com o crescimento econômico da região e seu desenvolvimento, os critérios para inserção dos migrantes foram elevados. Isso passou a exigir um maior grau de qualificação dos indivíduos que se dirigiram para a área.

Desse modo, atualmente está se configurando o que será nos próximos anos, e talvez décadas, a nova feição do fenômeno da migração no Oeste Paranaense: que de uma área de expansão da fronteira agrícola pioneira, ou seja, com áreas a serem ocupadas e “exploradas” por pequenos produtores e trabalhadores rurais que buscavam incessantemente terras para se estabelecerem, a região se transformou num dos expoentes da agricultura agro-exportadora brasileira e num território onde a pecuária tecnificada e integrada, bem como a agricultura de alta tecnologia é cada vez mais intensiva e dominante.

Além disso, se percebe que, no contexto da migração da região, o ajuste da agricultura do Oeste do Paraná, do complexo agrícola para o complexo agroindustrial, deu-se no bojo da chamada “modernização dolorosa”, apontada por Silva (1982), fato que implicou uma profunda transformação tecnológica no setor e que resultou em elevados volumes de emigração do campo e redução da capacidade de inserção de novos indivíduos na área rural da região.

Isso agregado ao fato de que o desenvolvimento recente da região aconteceu fundamentado no crescimento das atividades econômicas dos setores secundário e terciário da economia, resultou numa urbanização expressiva do Oeste do Paraná. Onde verifica-se que as características dos migrantes na região, e suas relações com a dinâmica migratória nacional, é congruente com o quadro de concentração fundiária e tecnificação da produção do setor primário regional, isto porque, efetivamente conforme o Oeste do Paraná foi crescendo e se desenvolvendo ele foi modificando sua distribuição populacional alterando seus critérios de inserção passando a exigir um maior patamar de qualificação dos seus imigrantes.

Referências

AMBERCOMBIE, K. C. Agricultural mechanization and employment in Latin América. **International labor Review**, Ithaca, v. 105, n. 6, p. 11-45, 1972.

BRITO, F. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In.: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 12, Caxambu, **Anais...** Caxambu, v. 1, 2000.

CAMARA, M. R. G. **Transformações agrícolas e êxodo rural no Paraná na década de 70**. Dissertação (Mestrado em Economia). Instituto de Pesquisa Econômica - IPE. Universidade de São Paulo-USP, 1985.

CUNHA, J. M. P. et. al. **Diagnósticos regionais do Estado do Mato Grosso**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2004. 225p. (Diagnósticos regionais do Estado do Mato Grosso, TEXTOS NEPO 49).

KLEINKE, M. de L. U.; DESCHAMPS, M. V.; MOURA, R. Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba: Iparde, n. 95, jan./abr. 1999, p. 27-50.

KUZNETS, S. S. **Crescimento econômico moderno: ritmo, estrutura e difusão**. São Paulo: Editora Abril, 1983. (Coleção Os Economistas).

LEITE, P.S. **Novo Enfoque do Desenvolvimento Econômico e as Teorias Convencionais**, Edições UFC – PROED, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1983.

LLUCH, E. **O desenvolvimento econômico. Biblioteca Salvat de Grandes Temas: Livros GT – A problemática do homem atual num conjunto estruturado, unitário e coerente**. Rio de Janeiro: Biblioteca Salvat, 1979.

MAGALHÃES, M. V. **O Paraná e suas regiões nas décadas recentes: as migrações que também migram**. Tese (Doutorado em Demografia), Cedeplar/UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2003.

_____. **O Paraná e as migrações – 1940 a 1991**, Dissertação (Mestrado em Demografia), Cedeplar/UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, (MG), 1996.

MARTINE, G. A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80. **Textos para Discussão 329**, Brasília: IPEA, 1994. 43p.

_____. **Ciclos e destinos da migração para áreas de fronteira na era moderna**. Brasília, DF: ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza, 1992.

_____.; CAMARGO, L. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, ABEP, v. 1, n. 2, p. 99-143, jan./dez.1984.

_____.; DINIZ, C. C. Concentração econômica e demográfica no Brasil: recente inversão do padrão histórico. **Revista de Economia Política**, São Paulo: Editora Brasileira, v. II, n. 43, p. 121-134, jul./set. 1991.

MARTINS, J. S. O Vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, J. S. **Não há terras para plantar neste verão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

MELLOS, E. C. de. **A mercantilização da produção agrícola regional e o estado da dinâmica da acumulação do capital e expansão das cooperativas agropecuárias singulares: o caso do extremo-oeste paranaense**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1988.

NIEDERAUER, O. H. **Toledo no Paraná**: história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização e seu progresso. 2 ed. Toledo-PR: Tolegraf Impressos Gráficos Ltda, 2004. 450 p.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS-DAES. Manual VI – Métodos de Medição da Migração Interna Conceitos Básicos, Definições e Mensuração da Migração Interna. In: MOURA, H. A. de. **Migração interna – textos selecionados**. v. 1, Fortaleza: BNB/ETENE, p.313-354, 1980.

OSÓRIO, C. Migrações Recentes e desigualdades. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1, Campos do Jordão, **Anais...** Campos do Jordão (SP): ABEP, 1978.

PADIS, P. C. **Formação de uma Economia Periférica**: o caso do Paraná. São Paulo: HUCITEC, 1981.

PERIS, A. F. (Org.). **Estratégias de desenvolvimento regional região Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

PIFFER, M. **A Dinâmica do Oeste Paranaense**: sua inserção na economia nacional. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 1997.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. de, **Migração interna**: textos selecionados. v. 1, Fortaleza: BNB/ETENE, p. 19-88, 1980.

RIPPEL, R. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**, Tese de Doutorado em Demografia, Instituto De Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - Universidade Estadual De Campinas, Campinas – SP, 2005.

_____. **Os Encadeamentos produtivos de um complexo agro-industrial**: Um estudo da Frigobrás- Sadia de Toledo e das empresas comunitárias. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico. UFPR, Curitiba (PR), 1995.

_____.; FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; PIACENTI, C. A. Notas sobre a localização da população urbana e rural no Oeste paranaense. In.: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL: Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial, 43, 2005, Ribeirão Preto, **Anais...** Ribeirão Preto: SOBER, 2005b.

_____.; FERRERA DE LIMA, J. Ocupação, Continuum e desenvolvimento regional do Oeste do Paraná. In: : RINALDI, R.,N. (Org.). **Perspectivas do Desenvolvimento Regional e Agronegócio**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

ROSTOW, W. W. **Etapas do crescimento econômico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SANDRONI, P. H. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seler, 1999.

- SANTOS, M; **Metamorfoses do espaço habitado**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SILVA, J. F. G. (Org.). **Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil**: Ignácio Rangel. Porto Alegre: Ed. Universitária, 2000.
- _____. A modernização dolorosa. Rio de Janeiro/RJ: Zahar Editora, 1982.
- _____. Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura. São Paulo: Hucitec, 1981. 210 p.
- SILVA, O. et al. **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1989. (Projeto História).
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- _____.; SZMRECSÄNYI, T. Perspectiva atual do problema. In: SANTOS, J. L. F.;
- SZMRECSÄNYI, T. População e Desenvolvimento Econômico. In SZMRECSÄNYI, T.; SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S. F. (Orgs.). **Dinâmica da população**: teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.
- TRINTIN, J. G. **A Economia Paranaense: 1985-1998**. Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2001.
- WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, Mensus e Colonos**: História do Oeste Paranaense. Curitiba: Editora Vicentina, 1988.
- WOOD, C. H.; CARVALHO, J. A. M. **A demografia da desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1994. 330p. (IPEA, Série PNPE, 27).